



CALA GRANDE -

Então não sei se posso dizer ao meu sub-consciente
muito mais com o consciente a ideia de escrever um
livro sobre uma história de vida de um homem ao P.
E para isso já tinha já várias notas tomadas na
excelente biblioteca de Oliveira Lima em Washington,
mas precisei algum tempo hispido de um jovem brasileiro.
Mas em uma ideia estava emendada e durante algum
tempo deu-me ainda uma espécie de domínio com
relação a escrever e a coisas literárias e intelectuais

- Mas que Dr. G. G. G.?

Não sei bem explicar. Talvez efeito de choque que
experimentei entre ~~o Brasil~~ o Brasil que sei já no meu país
e o Brasil que eu deixava quase mesmo para cinco anos
muitos de estudos universitários e pós-graduação nos
estrangeiros, nos Estados Unidos e na Europa. Talvez, talvez
meu choque me tenha tornado um tanto estranho para
o Brasil e o Brasil um tanto estranho para mim, nos
meus sentidos, até que fui descobrindo pontos de
interesse e afinidades com o Brasil que me atraíram.
Mas então concordei para me em excedente o C. G. G. J.
prometendo esse período de devolução.



Como passou em período de desintoxicação? Para desalmentar com
o exílio - Em um momento do então governo de
Bernardes, que tinha sido vice-presidente de Espirito Santo,
uma figura eminentemente de honra próspero, por quem quan-
do o maior respeito, Estácio Coimbra, que me dava
inteira liberdade de ação, e chamou-me quase como a
um filho para acompanhá-lo à Europa no exílio em
1930. Deixando um vapor francês, um pequeno vapor
francês chamado Belisle (?) que tocava primeiro na
África o que para mim era uma coisa ideal. Ficamos
alguns dias no Senegal e eu saí de vapor, o vapor
ficava na praia, e conheci-me o mais próximo com a
população local de negros que me deu a primeira ideia
dos primeiros negros no Brasil - e me impressionaram de
uma maneira toda especial e que divide cruciveram para
a importância que eu dou aos negros - e foi talvez o
primeiro no Brasil a considerar o negro um ser igual aos
brancos, diferenciado sobretudo da mentalidade de Nina Rodrigues
que até então era o grande africanologista no Brasil, que
considerava o negro inferior. Eu passei a considerar o
negro inteiramente igual aos brancos porque no Senegal
como que tive a prova de que eu errava o meu entendimento
na Universidade de Columbia, o famoso antropólogo Franz
Boas. De modo que o Senegal foi ~~um~~ ponto importante na

da tabacal do S.G. e por isso que as primeiras notas
 para o livro foram tomadas por mim, sempre a lápis,
 que é como eu usava, no dnegal, até o del andento
 do dnegal. Do dnegal fomos para Portugal. Outro
 ponto importante para o futuro livro, mas que eu lierei
 nunca idia feita na época de me ter ido usar
 escrevendo para o livro cuja idia exata ainda não
 estava delineada para mim. Mas em já conclusão Portugal.
 Já tinha estado lá. Já tinha um bom contacto com a
 gente portuguesa, com as coisas portuguesas, com as posi-
 ções portuguesas. Mas nesse contacto, de exilados, as coisas
 se aclararam para mim de uma maneira nova, em Portu-
 gal. Entrei em contacto com gente que não conhecia
 antes; com em um exilado forte e não como os
 outros de hoje que são em geral exilados de um modo
 do por organização internacional, em tinha ^{que} ~~de~~ intermédio
 de modo todo especial com a gente mais forte de Lisboa
 e de outros pontos de Portugal, e foi o que fiz com grande
 vantagem para mim, inclusive antecipando-me a recomendar
 de um psicólogo ^{super} eminente que um dos melhores contactos
 que se pode ter em investigações psicológicas é com psíco-
 logos. Realmente as produções sobre de muitas coisas
 e comunicam as coisas com grande franqueza e eu
 encontrei psícológos portugueses e psícológos africanos

que foram também de um valor excepcional para mim.
A um tempo eu devo dizer que levei em Lisboa
uma vida dupla porque eu tinha relações em Lisboa
na alta sociedade de Lisboa, posso dizer que até
nesta distância. De modo que tanto Estácio Coimbra
como eu, com poucas roupas, reunite um jato com
to de um Portugal, e duas camisas cada um, de modo
que tinhamos que lavar nossas camisas, aceitavamos
as várias convites da melhor gente de Portugal, como
a D. Silvia Zelfert Ramos que era ministro do Trabalho com
relação os melhores, como a Condessa de Ficalho, o
marquês de Belas, gente de nome lido, e ao mesmo tempo
em linha relações intelectuais como Fidelino de Figueiredo,
Inácio de Azevedo, que frequentei também durante esse
tempo. E a nível de livros comuniquei o plano ain-
da vaga de um livro que ele achou excelente pelo
qual se entusiasmaron;
era, como sabe, um dos maiores historiadores portugueses.
Mas era impossível a minha permanência em Portugal porque
eu estava absolutamente sem dinheiro e Estácio Coimbra não
podia ajudar-me porque o dinheiro dele, ele era um homem
de alguma fortuna, estava bloqueado como se dizia hoje
cassado na política. De modo que eu comuniquei